

ATIVIDADE ECONÔMICA

Indicadores de indústria, comércio e serviços

Sumário

O produto interno bruto (PIB) brasileiro apresentou forte desaceleração no quarto trimestre de 2024, crescendo 0,2% em relação ao trimestre anterior, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esta perda de ritmo, já antecipada pelo desempenho dos indicadores mensais de atividade econômica, reflete os impactos iniciais de uma política monetária restritiva, além de uma demanda interna menos vigorosa, explicada pela aceleração da inflação, especialmente de alimentos, e por uma desvalorização cambial que encareceu importações e impactou negativamente a evolução da massa de rendimentos das famílias, particularmente nos dois últimos meses do ano. Embora estes fatores apontem um crescimento menos robusto em 2025, também caracterizado por um menor impulso fiscal e um mercado de trabalho menos dinâmico, o desempenho esperado para alguns componentes mais exógenos da economia tende a contribuir positivamente, principalmente no primeiro trimestre do ano.

Nesse contexto, o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), um dos indicadores que buscam retratar o nível geral da atividade econômica brasileira em base mensal, servindo de prévia para o PIB, iniciou o primeiro trimestre de 2025 se recuperando do recuo verificado no último mês do ano passado (-0,6%). O avanço de 0,9% em janeiro, na comparação livre de efeitos sazonais, o maior desde junho de 2024 (+1,1%), superou as expectativas do mercado, cuja mediana era de 0,2%. Já na comparação interanual, o crescimento foi de 3,6%, representando aceleração em relação ao mês anterior (2,6%).

A produção industrial, conforme a Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF), apresentou variação nula (0,0%) em janeiro de 2025, na série com ajuste sazonal, resultado que sucedeu a três quedas consecutivas na margem. Ainda nesta base de comparação, enquanto a indústria de transformação avançou 1,0%, devolvendo uma parte da queda acumulada nos dois últimos meses do ano, o setor extrativo registrou retração de 2,4%, impactada por paralisações em campos de petróleo e queda na extração de minério de ferro. Após acumular alta de 3,1% em 2024, tendo como um dos destaques a produção de veículos, o setor industrial tem pela frente um cenário mais adverso, impactado por uma política monetária restritiva, uma inflação ao produtor crescente e um ambiente global caracterizado por um elevado grau de incerteza.

Leonardo Mello de Carvalho

Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

leonardo.carvalho@ipea.gov.br

Divulgado em 01 de abril de 2025.

O comércio varejista, por sua vez, segundo a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), iniciou 2025 com alta de 2,3% na comparação dessazonalizada. Recuperando-se da retração verificada no último bimestre do ano passado, o crescimento do varejo no conceito ampliado foi liderado pelos segmentos mais sensíveis ao crédito, com destaque para a venda de veículos e materiais de construção. Já os segmentos mais sensíveis à renda, como é o caso das vendas em hipermercados e de produtos farmacêuticos, contribuíram negativamente. Se, por um lado, o mercado de trabalho segue ainda aquecido, por outro, a pressão da inflação sobre itens com peso relevante no orçamento familiar, assim como o encarecimento do crédito, tende a arrefecer a propensão ao consumo, reduzindo também os efeitos positivos do reajuste do salário mínimo neste começo de ano.

O setor de serviços, por fim, conforme a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), registrou retração de 0,2% em janeiro ante o mês anterior, na série com ajuste sazonal. Esse recuo, após estabilidade em dezembro (0,0%) e queda em novembro (-0,9%), foi influenciado principalmente pelos recuos nos serviços de transporte (-13,3%) e de alojamento e alimentação (-3,0%), enquanto segmentos como informação e comunicação contribuíram de maneira positiva (+3,0%). Já na comparação com o mesmo período de 2024, o volume de serviços cresceu pelo décimo mês consecutivo, embora a alta de 1,6% aponte uma desaceleração em relação ao ritmo verificado anteriormente. Os segmentos de serviços mais diretamente ligados à renda das famílias, como comércio, alimentação fora do domicílio e lazer, tendem a enfrentar um cenário menos pujante em 2025. Isso ocorre devido à persistência da inflação de serviços, cuja inércia torna sua trajetória mais resiliente aos efeitos da política monetária. Além disso, a acomodação esperada no mercado de trabalho pode limitar o crescimento da massa salarial, afetando ainda mais a demanda nesses setores. Com o resultado de janeiro, o *carry-over* em relação ao primeiro trimestre de 2025 ficou em -0,5% na margem e em 1,8% em termos interanuais.

Refletindo a desaceleração observada no último trimestre de 2024, acompanhada também por um aumento de incerteza, as pesquisas Sondagens do Consumidor e Sondagens Empresarial, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), revelam uma sensível piora na confiança dos consumidores no início de 2025, enquanto os empresários mostram maior resiliência, apesar de sinais de cautela. O Índice de Confiança do Consumidor (ICC) caiu pelo terceiro mês consecutivo em fevereiro. Essa deterioração, que acumula 10,8 pontos desde o fim do ano passado, reflete um aumento do pessimismo, com destaque para as famílias de menor poder aquisitivo. Já o Índice de Confiança Empresarial (ICE) também registrou recuo em fevereiro, o quarto consecutivo na margem. Influenciado por expectativas menos otimistas sobre a demanda futura, em meio a um cenário de juros altos, incerteza e inflação persistente, o indicador acumulou uma perda de 2,6 pontos neste período.

1 Resultados gerais

O PIB brasileiro apresentou forte desaceleração no quarto trimestre de 2024, crescendo 0,2% em relação ao trimestre anterior, segundo dados do IBGE. Contrastando com uma taxa média de 1,0% verificada nos três trimestres anteriores, o resultado trouxe como principal surpresa o recuo de 1,0% do consumo das famílias, pela lado da despesa. Esta perda de ritmo, já antecipada pelo desempenho dos indicadores mensais de atividade econômica, reflete os impactos iniciais de uma política monetária restritiva, além de uma demanda interna menos vigorosa, explicada pela aceleração da inflação, especialmente de alimentos, e por uma desvalorização cambial que encareceu importações e impactou negativamente a evolução da massa de rendimentos das famílias, particularmente nos dois últimos meses do ano. Embora estes fatores apontem um crescimento menos robusto em 2025, também caracterizado por um menor impulso fiscal e um mercado de trabalho menos dinâmico, o desempenho esperado para alguns componentes mais exógenos da economia tende a contribuir positivamente, principalmente no primeiro trimestre do ano.

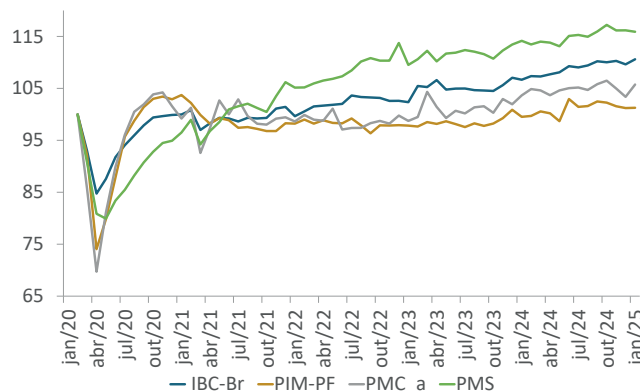
Nesse contexto, o IBC-Br, um dos indicadores que buscam retratar o nível geral da atividade econômica brasileira em base mensal, servindo de prévia para o PIB, iniciou o primeiro trimestre de 2025 se recuperando do recuo verificado no último mês do ano passado (-0,6%). O avanço de 0,9% em janeiro, na comparação livre de efeitos sazonais, o maior desde junho de 2024 (+1,1%), superou as expectativas do mercado, cuja mediana era de 0,2%. Já na comparação interanual, o crescimento foi de 3,6%, representando aceleração em relação ao mês anterior (2,6%). Entre os setores produtivos, os resultados verificados neste início de ano mostraram-se heterogêneos, trazendo sinais mistos. Enquanto a produção industrial e a receita real de serviços registraram contribuição nula na margem, as vendas no varejo se destacaram (gráfico 1). Além disso, as perspectivas para a produção de soja e milho no primeiro trimestre indicam uma forte contribuição positiva da lavoura no período. Com o resultado IBC-Br de janeiro, o efeito de *carry-over* em relação ao primeiro trimestre de 2025 ficou em 0,6% na margem e 3,2% em termos interanuais.

Ainda em termos agregados, o indicador de difusão calculado pelo Ipea também exibiu aceleração, atingindo um nível superior à sua média histórica, situada em 51,4%. Em janeiro, 63,5% dos segmentos analisados registraram variação positiva, em comparação com 35,7% no período anterior. Com base na análise em médias móveis de três meses, o indicador de difusão também cresceu, atingindo 45,5% em janeiro. Apesar do aumento da difusão em janeiro, o fraco desempenho verificado nos dois meses anteriores explica este resultado (gráfico 2).

2 Indústria

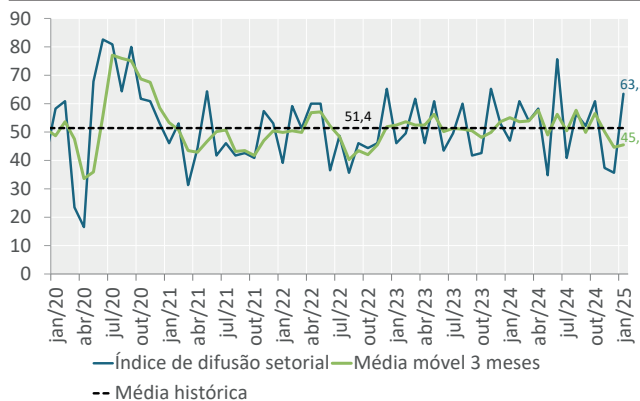
A produção industrial, conforme a PIM-PF, apresentou variação nula (0,0%) em janeiro de 2025, na série com ajuste sazonal, resultado que sucedeu a três quedas consecutivas na margem. Na comparação em termos interanuais, o cenário é mais positivo, embora também apresente desaceleração ao longo do mesmo período (tabela 1). Com o resultado de janeiro, o *carry-over* em relação ao primeiro trimestre de 2025 ficou em -0,4% na margem e em 1,2% em termos interanuais. Contrastando com a estagnação da indústria geral na margem, o setor da transformação avançou 1,0%, devolvendo uma parte da queda acumulada nos dois últimos meses do ano. As indústrias extrativas, por seu turno, registraram retração de 2,4%, impactadas por paralisações em campos de petróleo e queda na extração de minério de ferro.

GRÁFICO 1
Atividade econômica: evolução dos indicadores setoriais (jan./2020-jan./2025)
 (Índices com ajuste sazonal, base: fevereiro de 2020 = 100)



Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

GRÁFICO 2
Atividade econômica: evolução do indicador de difusão setorial¹ (jan./2020-jan./2025)
 (Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
 Nota: 1 O indicador de difusão setorial mede a porcentagem dos segmentos produtivos que registraram crescimento na comparação com o período anterior, já descontados os efeitos sazonais. Seu cálculo é realizado a partir do desempenho de 113 segmentos, definidos de acordo com as classificações utilizadas nas pesquisas setoriais do IBGE (PIM-PF, PMC e PMS).

TABELA 1

Produção industrial e grandes grupos econômicos: evolução das taxas de crescimento

(Em %)

	Pesos	Contra período anterior dessazonalizado ¹					Contra igual período do ano anterior				Acumulado		
		Nov./24	Dez./24	Jan./25	TRIM ¹	Carry-over 1Tri	Nov./24	Dez./24	Jan./25	TRIM ¹	No ano (dessaz.)	No ano (yoy)	Em doze meses
Geral		-0,7	-0,3	0,0	-0,7	-0,4	1,7	1,4	1,4	1,5	0,0	1,4	2,9
Classes													
Indústrias Extrativas	14,6	0,1	0,4	-2,4	-1,1	-2,1	-4,3	-6,6	-5,2	-5,4	-2,4	-5,2	-0,9
Transformação	85,4	-1,1	-1,1	1,0	-1,0	-0,1	2,8	3,2	2,7	2,9	1,0	2,7	3,6
Grupos Econômicos													
Capital	6,0	-2,5	-1,6	4,5	0,1	2,5	13,1	13,5	8,2	11,6	4,5	8,2	9,6
Intermediários	60,5	-0,7	0,5	-1,4	-0,2	-1,3	1,6	1,4	0,3	1,1	-1,4	0,3	2,1
Consumo	31,8	-1,8	-2,9	3,6	-3,1	0,9	0,1	-0,6	2,2	0,5	3,6	2,2	3,5
Duráveis	4,4	-2,8	-1,5	4,4	0,0	2,4	18,7	9,8	16,6	15,2	4,4	16,6	11,7
Semi e Não-Duráveis	27,5	-2,5	-2,0	3,1	-3,4	0,8	-2,7	-2,2	-0,1	-1,7	3,1	-0,1	2,1
Insumos da construção civil		0,7	-4,4	3,7	-0,8	0,8	7,8	3,4	5,5	5,7	3,7	5,5	5,5

Fonte: PIM-PF/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

Entre os grandes grupos econômicos, a produção de itens com uso no setor de bens de capital e a produção de bens de consumo foram os destaques positivos, com altas de 4,5% e 3,6% na margem, respectivamente. Entre os bens de capital, a maior contribuição veio da produção de máquinas e equipamentos, que avançou 3,9%. Com relação ao seu destino, os maiores aumentos na demanda em janeiro foram provenientes dos setores da construção (35,5%) e não seriados na indústria (19,2%). A única contribuição negativa para o resultado da indústria em janeiro veio da produção de intermediários, que recuou 1,4% na margem. Por trás deste resultado está o mau desempenho da indústria extrativa e do segmento derivados de petróleo, cujo peso no total de intermediários soma 38,6%.

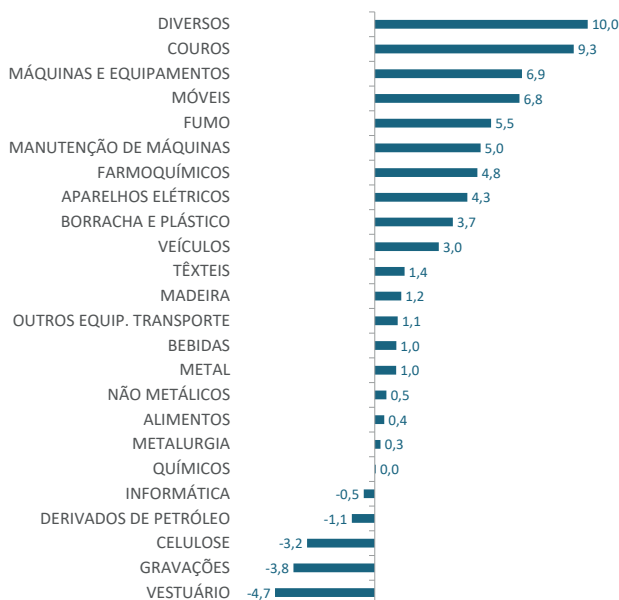
A desagregação setorial, por seu turno, indica que dezenove segmentos da indústria de transformação avançaram na margem, de um total de 24, o que aumentou o índice de difusão – que mede a porcentagem dos segmentos da indústria de transformação com aumento em comparação ao período anterior, após ajuste sazonal – para 79,2%, ante 37,5% em dezembro. Entre aqueles com peso relevante, os destaques positivos foram os segmentos máquinas e equipamentos e veículos, com altas de 6,9% e 3,0% na margem, respectivamente. Já na comparação interanual, dezessete segmentos apresentaram crescimento em janeiro, em relação ao mesmo período de 2024. Entre os relevantes, novamente os segmentos máquinas e equipamentos e veículos exerceram as maiores contribuições.

Embora também tenha apresentado desaceleração ao longo dos últimos meses, uma parcela relevante da demanda interna por bens industriais continua sendo suprida pelo crescimento das importações – fato evidenciado pelo crescimento mais acelerado do Indicador Ipea de Consumo Aparente (CA) de bens industriais *vis-à-vis* a produção física medida pela PIM. Em janeiro, enquanto a demanda por bens industriais (CA) acumulou uma alta de 6,0% em doze meses, a produção cresceu apenas 2,9% (gráfico 4).

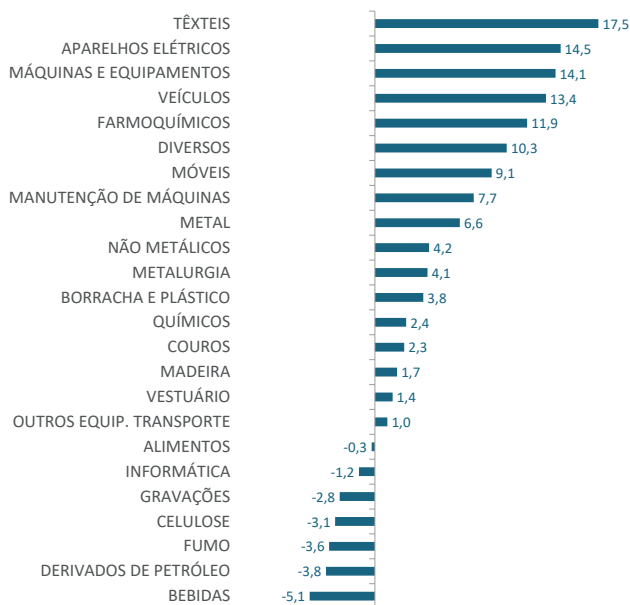
A perda de fôlego verificada no ritmo de crescimento industrial nos últimos meses também pode ser vista na utilização dos fatores de produção. Segundo a FGV, o Nível de Utilização da Capacidade Instalada (Nuci), após apresentar crescimento ao longo de 2023 e em grande parte de 2024, vem caindo desde outubro na margem, aproximando-se, com isso, de um patamar próximo à sua média histórica (gráfico 5). Além do encarecimento do crédito, os empresários também seguem enfrentando pressão de custos. De acordo com o Índice de Preços ao Atacado (IPA), da FGV, o preço dos bens intermediários registrou crescimento de 8,3% no acumulado do ano até março de 2025, com destaque para o item materiais e componentes para a manufatura, cuja alta foi de 9,3% (tabela 2). Já os produtos pertencentes às matérias-primas brutas cresceram 17,1% na mesma base de comparação, destacando-se, nesse grupo, os agropecuários (21,7%).

GRÁFICO 3
Demanda por bens industriais setorial – taxas de variação
 (Em %)

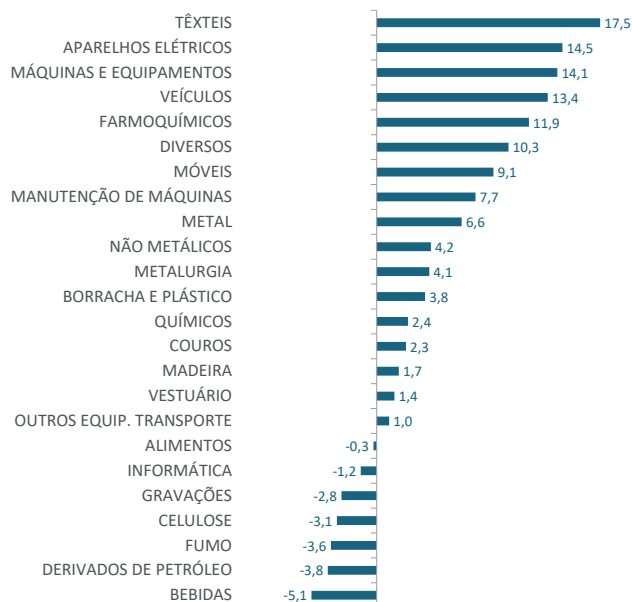
2A - Variação contra o período anterior



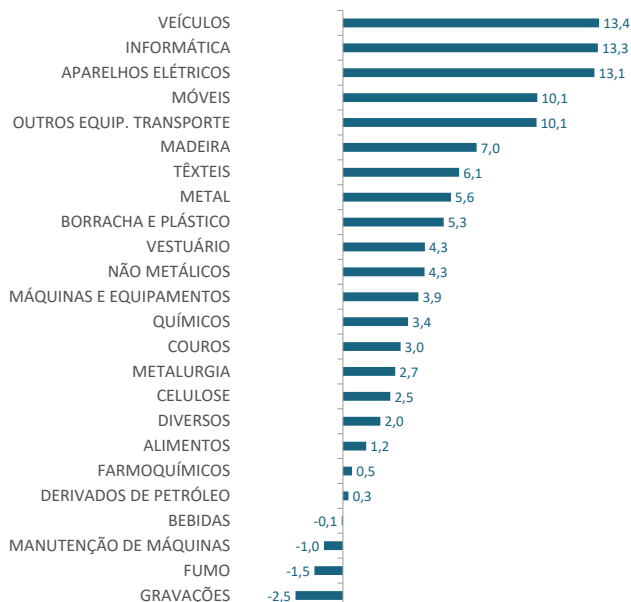
2B - Variação contra o mesmo período do ano anterior



2C - Variação acumulada no ano



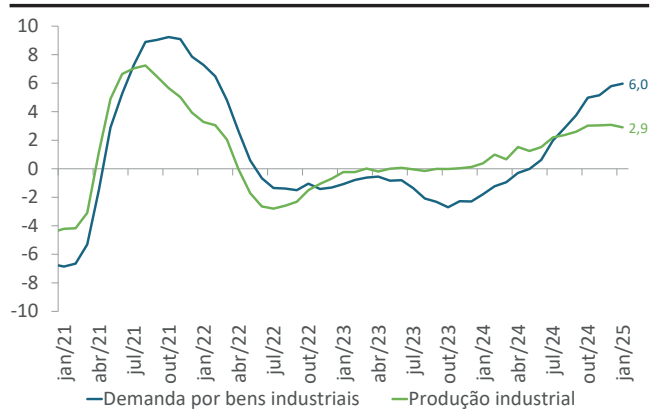
2D - Variação acumulada em 12 meses



Fonte: Ipea.

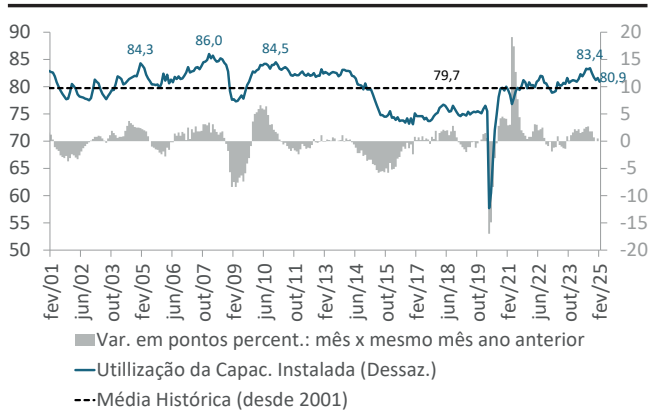
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 4
Demanda por bens industriais versus produção industrial:
taxas de variação acumuladas em doze meses
 (Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 5
Produção industrial: transformação – Nuci
 (Índice)



Fonte: FGV e Confederação Nacional da Indústria (CNI).
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 2
IPA: taxas de variação acumuladas
 (Em %)

	Mar./23-Fev./24	Mar./24-Fev./25
IPA - todos os itens	-7,0	10,4
Bens finais	0,1	6,4
Bens de consumo duráveis	1,9	3,3
Alimentação	0,4	9,1
Combustíveis	-16,8	10,5
Bens de consumo não duráveis exceto alimentação e combustíveis	3,6	4,2
Bens de investimento	2,1	3,7
Bens intermediários	-7,5	8,3
Materiais e componentes para a manufatura	-6,6	9,3
Embalagens	0,5	10,7
Suprimentos	-13,8	9,6
Matérias-primas brutas	-12,9	17,1
Mat. Primas brutas agropecuárias	-15,9	21,7
Minerais	-2,9	0,8

Fonte: FGV.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3 Comércio

O comércio varejista, segundo a PMC, iniciou 2025 com alta de 2,3% na comparação dessazonalizada. Recuperando-se da retração verificada no último bimestre do ano passado, o crescimento do varejo no conceito ampliado foi liderado pelos segmentos mais sensíveis ao crédito, com destaque para a venda de veículos e materiais de construção, que avançaram 4,8% e 3,0%, respectivamente. No caso do varejo no conceito restrito, a queda de 0,1% em janeiro foi a terceira seguida na margem, tendo os segmentos mais sensíveis à renda, como é o caso das vendas em hipermercados (-0,4%) e de produtos farmacêuticos (-3,4%), contribuído negativamente (tabela 3). Se, por um lado, o mercado de trabalho segue ainda aquecido, a pressão da inflação sobre itens com peso relevante no orçamento familiar, assim como o encarecimento do crédito, tende a arrefecer a propensão ao consumo, reduzindo também os efeitos positivos do reajuste do salário mínimo neste começo de ano. Com

o resultado de janeiro, o *carry-over* em relação ao primeiro trimestre de 2025 ficou em 0,8% na margem e em 1,4% em termos interanuais.

TABELA 3

Vendas no varejo: evolução das taxas de crescimento

(Em %)

	Pesos	Mês/Mês anterior dessazonalizado					Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado		
		Nov./24	Dez./24	Jan./25	Trim. ¹	Carry-over 1Trim.	Nov./24	Dez./24	Jan./25	Trim. ¹	No ano (dessaz.)	No ano (yoy)	Em doze meses
Comércio varejista ampliado²	100,0%	-1,4	-1,5	2,3	-0,9	0,8	2,4	1,2	2,2	1,9	2,3	2,2	3,8
Comércio varejista restrito	59,6%	-0,2	-0,3	-0,1	0,0	-0,3	5,2	2,0	3,1	3,4	-0,1	3,1	4,7
1. Combustíveis e lubrificantes	7,2%	2,3	-2,6	1,2	2,5	0,2	3,0	-1,8	1,1	0,7	1,2	1,1	-1,5
2. Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	32,2%	-0,2	-0,4	-0,4	-0,3	-0,7	5,4	-0,8	2,8	2,3	-0,4	2,8	4,3
2.1 Hipermercados e supermercados		-0,2	-0,4	0,0	-0,3	-0,4	6,2	-0,3	3,4	2,9	0,0	3,4	5,0
3. Tecidos, vestuário e calçados	3,7%	1,3	-1,8	-0,1	1,0	-0,8	8,3	3,6	2,6	4,7	-0,1	2,6	3,0
4. Móveis e eletrodomésticos	4,1%	-2,0	0,4	-0,2	1,8	-0,6	0,5	9,4	4,4	4,7	-0,2	4,4	4,4
5. Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	5,6%	-0,7	-2,5	-3,4	-4,0	-5,2	12,8	9,6	6,2	9,7	-3,4	6,2	14,1
6. Livros, jornais, revistas e papelaria	0,2%	-1,1	1,0	0,6	0,0	0,9	-11,1	-3,9	-0,2	-3,9	0,6	-0,2	-6,4
7. Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	0,9%	4,1	-5,9	5,3	2,6	2,5	-4,0	-2,2	1,9	-1,7	5,3	1,9	0,5
8. Outros artigos de uso pessoal e doméstico	5,8%	-0,7	0,7	0,7	1,2	0,9	3,9	9,8	4,5	6,2	0,7	4,5	7,6
9. Veículos, motos, partes e peças	16,8%	-8,6	-1,5	4,8	-2,4	0,6	4,1	5,8	8,9	6,2	4,8	8,9	11,4
10. Materiais de construção	7,7%	-1,5	-3,7	3,0	-2,5	0,0	3,7	2,1	3,9	3,3	3,0	3,9	5,1
11. Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	15,9%	-	-	-	-	-	-11,4	-8,1	-10,4	-10,0	-	3,1	-8,9

Fonte: PMC/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

² O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 11.

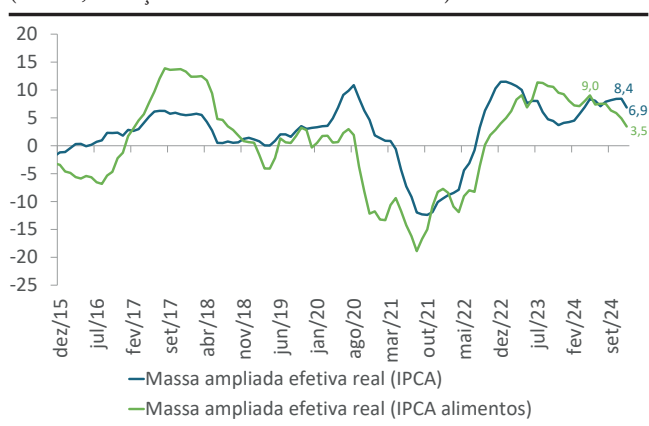
³ O indicador do comércio varejista restrito é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 8.

Por trás da trajetória recente das vendas do comércio varejista, a massa ampliada efetiva real de rendimentos calculada pelo Ipea seguiu registrando crescimento, embora a taxas decrescentes, reflexo do aumento na pressão sobre os preços. Utilizando como deflator o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), e tendo por base a variação acumulada em doze meses até dezembro, a massa ampliada acumulou crescimento de 6,9% em termos reais, desacelerando em relação ao mês anterior (quando havia crescido 8,4%). Quando utilizamos como deflator o IPCA para alimentos, o cenário torna-se menos favorável. Ao longo de 2024, a inflação de alimentos superou consistentemente o IPCA cheio, pressionando de maneira mais intensa o orçamento das famílias de baixa renda, que destinam uma fatia considerável de seus recursos à compra de alimentos. Esse impacto fica evidente na trajetória da massa ampliada, que, ao ser deflacionada pelo IPCA de alimentos, atingiu um crescimento acumulado de 9,0% em maio de 2024. A partir daí, porém, esse crescimento desacelerou, encerrando o ano em apenas 3,5%, o que indica que a inflação de alimentos ganhou força na segunda metade do ano, reduzindo o poder de compra real dessas famílias e acentuando as dificuldades financeiras enfrentadas por elas (gráfico 6).

GRÁFICO 6

Massa ampliada efetiva real: IPCA versus IPCA alimentos (dez./2015-dez./2024)

(Em %, variação acumulada em doze meses)



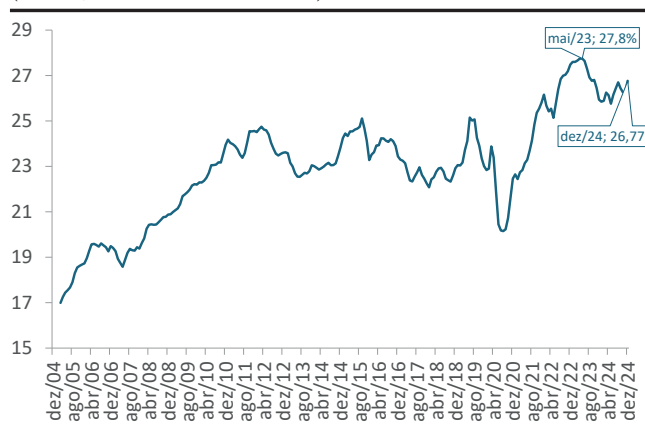
Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Já é possível observar os primeiros impactos do ciclo de aperto monetário iniciado em setembro de 2024. Em janeiro de 2025, tanto os indicadores de inadimplência quanto o nível de comprometimento das famílias com o serviço da dívida registraram uma aceleração, refletindo a pressão dos juros mais altos sobre as finanças domésticas. Embora o ritmo total das concessões de crédito ainda não mostre mudanças significativas, as concessões específicas para aquisição de veículos começaram a recuar desde novembro de 2024, sinalizando uma sensibilidade maior desse segmento à política monetária. Vale ressaltar que as vendas de veículos foram responsáveis por 25% do crescimento da PMC em 2024, o que sugere que essa queda pode ter implicações mais amplas sobre a atividade econômica (gráficos 7 e 8).

GRÁFICO 7
Comprometimento da renda das famílias com o serviço da dívida (dez./2004-dez./2024)

(Em %, séries dessazonalizadas)



Fonte: Ipea e Banco Central do Brasil.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

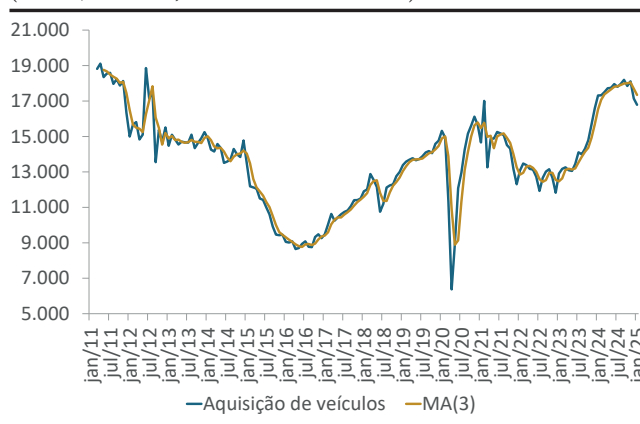
4 Serviços

O setor de serviços, por fim, conforme a PMS, registrou retração de 0,2% em janeiro ante o mês anterior, na série com ajuste sazonal. Esse recuo, após estabilidade em dezembro (0,0%) e queda em novembro (-0,9%), foi influenciado principalmente pelos recuos nos serviços de transporte (-13,3%) e alojamento e alimentação, enquanto segmentos como informação e comunicação contribuíram de maneira positiva (+3,0%). Já na comparação com o mesmo período de 2024, o volume de serviços cresceu pelo décimo mês consecutivo, embora a alta de 1,6% aponte para uma desaceleração em relação ao ritmo verificado anteriormente (tabela 4).

Nos últimos meses, a atividade de serviços tem enfrentado um cenário menos favorável no que diz respeito aos preços. Se, por um lado, o diferencial de inflação entre os chamados bens *tradables* e os *non tradables* continua favorecendo os primeiros, por outro, os ganhos reais do poder de compra das famílias, em termos dos serviços computados no IPCA, desaceleraram em relação ao ritmo observado ao longo de 2024, com a variação

GRÁFICO 8
Concessões para aquisição de veículos: pessoa física (jan./2011-jan./2025)

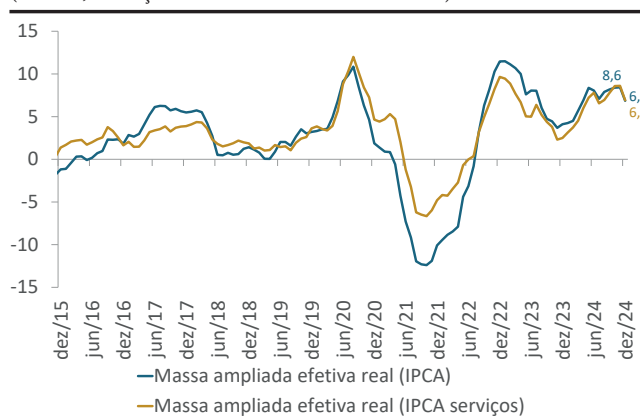
(Em R\$ milhões, séries dessazonalizadas)¹



Fonte: Ipea e BCB.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 9
Massa ampliada efetiva real: IPCA versus IPCA serviços (dez./2015-dez./2024)

(Em %, variação acumulada em doze meses)



Fonte: Ipea e IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

acumulada em doze meses ficando em 6,9% em dezembro (gráfico 9). Isso ocorre devido à persistência da inflação de serviços, cuja inércia torna sua trajetória mais resiliente aos efeitos da política monetária. Além disso, a acomodação esperada no mercado de trabalho pode limitar o crescimento da massa salarial, afetando ainda mais a demanda nesses setores. Neste contexto, os segmentos de serviços mais diretamente ligados à renda das famílias, como comércio, alimentação fora do domicílio e lazer, tendem a enfrentar um cenário menos pujante em 2025. Com o resultado de janeiro, o *carry-over* em relação ao primeiro trimestre de 2025 ficou em -0,5% na margem e em 1,8% em termos interanuais.

TABELA 4

Serviços: evolução das taxas de crescimento

(Em %)

	Pesos	Mês/Mês anterior dessazonalizado					Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado		
		Nov./24	Dez./24	Jan./25	Trim. ¹	Carry-over 4Trim.	Nov./24	Dez./24	Jan./25	Trim. ¹	No ano (dessaz.)	No ano (yoy)	Em doze meses
Total	100,0%	-0,9	0,0	-0,2	0,0	-0,5	2,7	2,9	1,6	2,4	-0,2	1,6	2,9
1. Serviços prestados às famílias	8,4%	1,6	0,5	-2,4	1,1	-1,6	5,1	2,4	1,0	2,8	-2,4	1,0	4,2
1.1 Serviços de alojamento e alimentação	7,2%	2,5	0,9	-3,0	2,6	-1,6	7,0	2,9	2,0	3,9	-3,0	2,0	4,5
1.2 Outros serviços prestados às famílias	1,2%	-4,1	2,5	-0,6	-9,8	-0,3	-6,1	-1,4	-5,1	-4,2	-0,6	-5,1	2,6
2. Serviços de informação e comunicação	23,6%	0,5	0,0	2,3	0,9	2,5	5,5	5,5	7,5	6,1	2,3	7,5	6,3
2.1 Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	20,8%	0,2	0,4	2,5	1,5	2,8	5,7	5,4	8,5	6,5	2,5	8,5	6,5
2.1.1 Telecomunicações	10,8%	0,8	0,0	0,5	1,1	0,8	4,1	3,5	4,5	4,0	0,5	4,5	4,8
2.1.2 Serviços de Tecnologia da Informação	10,0%	-0,4	-2,7	7,8	-0,1	5,7	7,2	7,2	13,1	9,0	7,8	13,1	8,4
2.2 Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	2,8%	-1,3	-3,0	7,1	-2,7	4,5	4,2	6,0	-0,2	4,6	7,1	-0,2	4,6
3. Serviços profissionais, administrativos e complementares	22,0%	-2,0	-1,1	-0,5	-1,1	-2,0	2,3	2,9	0,4	4,2	-0,5	0,4	5,7
3.1 Serviços técnico-profissionais	8,5%	-3,3	-6,7	4,7	-3,3	-1,3	6,5	6,6	-0,7	4,3	4,7	-0,7	13,6
3.2 Serviços administrativos e complementares	13,5%	-0,8	-1,1	1,3	-0,8	0,3	-0,8	0,1	1,2	0,2	1,3	1,2	0,3
4. Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	35,7%	-3,7	0,2	-1,8	-1,1	-2,8	1,7	3,4	-0,6	1,5	-1,8	-0,6	-0,9
4.1 Transporte terrestre	20,3%	-2,5	-1,9	0,1	-2,2	-2,1	-3,2	-2,0	-4,7	-3,3	0,1	-4,7	-2,7
4.2 Transporte aquaviário	1,9%	0,4	0,7	-2,1	1,0	-1,5	7,3	4,4	-0,4	3,8	-2,1	-0,4	3,4
4.3 Transporte aéreo	2,9%	-14,0	5,6	-13,3	0,5	-14,7	32,8	50,2	10,9	30,0	-13,3	10,9	7,0
4.4 Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	10,7%	-0,6	2,3	-1,3	2,4	0,0	3,7	3,1	4,9	3,9	-1,3	4,9	-0,2
5. Outros serviços	10,4%	1,5	-4,1	2,3	-1,6	-0,1	-1,8	-4,1	-1,5	-2,6	2,3	-1,5	1,0
Atividades Turísticas²		-1,6	3,1	-6,4	1,4	-5,0	9,3	10,0	3,5	7,6	-6,4	3,5	3,8

Fonte: PMS/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

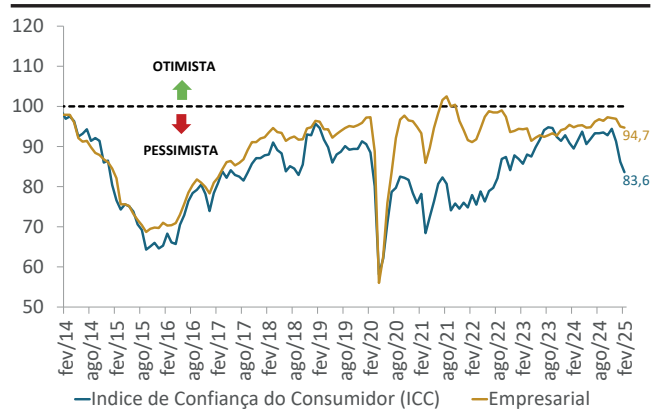
² Índice especial construído a partir de agrupamentos de segmentos associados à atividade de turismo.

5 Confiança

Refletindo a desaceleração do nível de atividade observada no último trimestre de 2024, acompanhada também por um aumento de incerteza, as pesquisas Sondagem do Consumidor e Sondagem Empresarial, da FGV, revelam uma sensível piora na confiança dos consumidores no início de 2025, enquanto os empresários mostram maior resiliência, apesar de sinais de cautela. O ICC caiu pelo terceiro mês consecutivo em fevereiro. Essa deterioração, que acumula 10,8 pontos desde o fim do ano passado, reflete um aumento do pessimismo, com destaque para as famílias de menor poder aquisitivo. Além da piora em relação às expectativas para a economia seis meses à frente, o indicador que mede a intenção de aquisição de bens duráveis despencou 9,9 pontos, para

75,2, o menor desde 2022. O ICE, por sua vez, também registrou recuo em fevereiro, o quarto consecutivo na margem. Influenciado por expectativas menos otimistas sobre a demanda futura, em meio a um cenário de juros altos, incerteza e inflação persistente, o indicador acumulou uma perda de 2,6 pontos neste período. Por fim, segundo o Índice dos Gerentes de Compras (Purchasing Managers' Index – PMI), calculado pela IHS Markit, o ritmo da atividade econômica em fevereiro se recuperou em relação aos meses anteriores, indicando crescimento tanto da produção industrial quanto da receita real de serviços.

GRÁFICO 10
Indicadores de confiança: empresários versus consumidores
 – séries dessazonalizadas (fev./2014-fev./2025)
 (Em pontos)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)
Mônica Mora y Araujo (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

Claudio Hamilton Matos dos Santos (Editor)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora y Araujo
Sandro Sacchet de Carvalho
Sergio Fonseca Ferreira

Pesquisadores Visitantes:

Debora Mesquita Pimentel
Felipe dos Santos Martins

Equipe de Assistentes:

Beatriz de Luna Barreto
Marcelo Guedes Peçly
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Equipe Administrativa:

Aline Conceição Santos
Carla Nunes Menezes
Rosanne Rodrigues Barbosa

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.
